

Ainda temos tempo de cuidar de nossa casa

We still have time to take care of our house

Bernardo Cezimbra Borges Leal

bernardobleal@gmail.com

Graduando de História da PUC/RJ

Resumo

Este artigo objetiva discutir alguns dos principais pontos apresentados na Carta Encíclica *Laudato Si'* (Sobre os cuidados da casa comum) escrita pelo papa Francisco (2015). Diante do aquecimento global, da poluição que contamina o solo e a água, de guerras e práticas produtivas que degradam o planeta, o papa Francisco convida à todos que reflitam e atuem com responsabilidade de modo a permitir um futuro para o planeta.

Palavra-chave: Planeta; destruição; responsabilidade.

Abstract

This article aims to discuss some of the main points presented in the Encyclical Letter *Laudato Si'* (On the care of the common house) written by Pope Francis (2015). Faced with global warming, pollution that contaminates soil and water, wars and productive practices that degrade the planet, the pontiff invites all to reflect and act responsibly in order to allow a future for the planet.

Keywords: Planet; destruction; responsibility

Introdução

Ao escrever a sua Carta Encíclica *Pacem in Terris* em 1963, o Papa João XXIII firmou uma posição importante sobre as relações entre os seres humanos no século XX, um período marcado por guerras de todos os tipos, que cada vez apresentavam um poder maior de destruição, haja vista o avanço tecnológico dos armamentos utilizados no começo do século XX em comparação àqueles utilizados no final da Segunda Guerra mundial, além das práticas disseminadas de genocídio (o armênio e o holocausto são dois exemplos) e racismo explícito. O mundo não esteve em guerra em apenas 20% do tempo no século XX.

Por outro lado, a segunda metade do século XX se destaca como um período em que se observaram inúmeras conquistas nas relações sociais, que acabaram por rejeitar as práticas de domínio de povos, seja por racismo ou religião, como também os conflitos entre as diferentes classes sociais foram gradativamente sendo expostos como uma questão que precisava ser enfrentada. O Papa João XXIII reafirmava o direito das minorias de se constituírem como nação ao invés de viverem oprimidas por uma maioria hostil.

A preocupação do pontífice centrava-se na destruição do homem, no respeito ao direito à vida, que é próprio de cada um e que não pode ser negado, independente de raça, cor ou credo, cabendo aos poderes públicos as ações necessárias ao desenvolvimento econômico dos países que permitissem o suprimento de todas as necessidades sem exceção.

Em 2015, passados 52 anos, o papa Francisco publica a encíclica *Laudato Si'*, em que afirma não só o direito à vida, já que o mundo continua em guerra, em especial em países como Afeganistão, Paquistão, Egito, Líbia e Síria, ao longo do século XXI, como ajusta a dimensão desse direito, ao reafirmar a importância não só do direito individual à vida, como amplia ainda mais essa dimensão e incorpora ao direito individual a responsabilidade em preservar a vida de toda a espécie humana, com o pensamento voltado à questão intergeracional. Ou seja, a importância que as gerações sejam responsáveis, pelo menos, em manter aquilo que receberam e que o planeta possa abrigar não só a espécie humana como, também, a natureza e todas as demais espécies.

É preciso entender que as decisões tomadas nos dias de hoje são fundamentais para garantir a permanência da espécie humana sobre a Terra. Ao focar nesse ponto, o papa Francisco mostra a urgência desse comportamento, já que estamos atrasados nesse processo.

Já passou da hora de iniciarmos os cuidados com a nossa casa

Em sua encíclica, relaciona três itens importantes diretamente vinculados à deterioração da qualidade de vida no planeta: a poluição, a perda da biodiversidade e a questão da água. Esses três itens foram diretamente afetados modelo de desenvolvimento adotado pelos governos, principalmente dos países mais ricos, cuja consequência impacta a qualidade de vida, especialmente da parcela mais pobre da população.

Quando se menciona a poluição como um problema, é inevitável pensar nos seus efeitos sobre a saúde da população, em especial a dos mais pobres, já que lhes cabe a moradia em locais sem saneamento básico, o que os condena a conviver com detritos a céu aberto, expostos a todo tipo de contaminação. Também a ausência de um suprimento regular de água potável leva à utilização de água de origem desconhecida e, portanto, pouco confiável.

O outro lado da poluição está, como bem aponta o papa, “no sistema industrial que não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e detritos” (LS n.22). Ou seja, na grande maioria dos processos de produção, o fim acontece no puro e simples descarte. Como ele bem adverte, é necessário que se construa um “modelo circular de produção” (LS n.22) com objetivo de garantir a reutilização dos resíduos ao invés de promover o simples descarte.

Um outro problema, bem mais grave, é a questão do aquecimento global (efeito estufa), que é decorrente de um modelo de produção que utiliza combustíveis fósseis, base do sistema energético mundial, dado que “a sua concentração na atmosfera impede que os raios solares refletidos pela Terra se diluam no espaço” (LS n.23). Seus maiores efeitos são sobre a geração de energia, a produção agrícola e a disponibilidade de água. Essa é uma questão importante, já que o Brasil é detentor da tecnologia de produção do etanol e poderia contribuir muito para não agravar ainda mais o aquecimento global, promovendo o uso intensivo do álcool como combustível ou aumentando, também, sua parcela misturada à gasolina. Enquanto a gasolina é derivada do petróleo (combustível fóssil), que é um recurso mineral finito, o álcool (ou etanol) é uma fonte renovável, cuja produção poderá ser mantida enquanto houver condições ideais de produção (terra, sol e chuva). O consumo de combustíveis fósseis contribui para o aquecimento global, além do esgotamento de recursos naturais, pelo seu uso excessivo e boa dose de desperdício.

Do mesmo modo, ao não proporcionar a oferta de água compatível com a vida humana, em especial para os pobres, a sociedade está negando-lhes um “direito humano essencial” (LS

n.30), sem o qual não existe vida. Sua escassez conduzirá a um custo maior dos alimentos, prejudicando da mesma forma os menos favorecidos.

Apesar de todas essas questões relacionadas ao aquecimento global e mudanças climáticas, preocupam certas decisões de alguns países sobre esta questão. Em junho de 2017, o presidente norte-americano Donald Trump anunciou a saída dos EUA do Acordo de Paris, cujo objetivo é manter o aumento das temperaturas médias globais muito abaixo dos 2°C em relação à era pré-industrial, ponto a partir do qual o planeta estaria condenado a um futuro sem volta, com efeitos devastadores, como a elevação do nível do mar, eventos climáticos extremos e falta de água. Para o presidente norte-americano, “esse pacto é desvantajoso para os interesses da economia e dos trabalhadores americanos” (MCGRATH, 2017), já que os termos definidos atrapalhariam a continuidade de diversas fábricas americanas e causariam a exportação de empregos da indústria carvoeira para outros países. Ainda assim, as emissões de carbono deverão continuar caindo no EUA em função do crescimento do gás como fonte de energia em substituição ao carvão (MCGRATH, 2017).

Como mencionado, a questão da perda da biodiversidade é algo que, infelizmente, acontece em muitas partes do planeta. A destruição de bosques e florestas para o avanço da produção agrícola e da pecuária representa a perda de ecossistemas, com a extinção de espécies importantes para a vida na nossa casa. O mais grave é saber que algumas dessas espécies são essenciais para a raça humana. Em função de seu extermínio, muitas vezes os seres humanos procuram desenvolver substâncias químicas que compensem a perda dessas espécies.

O desmatamento da Amazônia é um bom exemplo desse ataque à biodiversidade. A magnitude do desmatamento, nos dias de hoje, ultrapassa o tamanho dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo (GREENPEACE, 2018). No início, o foco principal era a extração da madeira tropical da floresta, depois vieram a expansão agropecuária e a extração predatória e ilegal da madeira. Ainda segundo o Greenpeace, o modelo econômico da região desconsidera dois elementos essenciais: o meio ambiente e o ser humano.

O desmatamento, o ataque à biodiversidade, a extração ilegal da madeira tropical e a expansão agropecuária só reforçam a decisão do papa Francisco em reconhecer “as propostas de internacionalização da Amazônia como servindo apenas aos interesses econômicos das corporações internacionais” (LS n.38).

A mesma preocupação se tem em relação aos oceanos, afetados pela pesca, normalmente sem o controle de muitos dos governos que tem acesso marítimo, e também pelo lixo descartado pelos diversos países. Recentemente, foi divulgada a existência do que se chamou “Grande ilha

de lixo do Pacífico”, que conteria 87 mil toneladas de plástico (RIPKA, 2018). Esse “depósito flutuante” foi descoberto entre a Califórnia e o Havaí, em uma área estimada de 1,6 milhão de quilômetros quadrados, que continua crescendo. Este verdadeiro lixão é composto de plásticos, aparelhos eletrônicos quebrados, redes de pesca abandonadas e outros objetos que foram sendo levados pelas diversas correntes marítimas.

Em 2017, diante deste problema especialmente grande e complexo, a organização de defesa ambiental *Plastic Oceans Foundations* criou uma campanha para reconhecer esta ilha de lixo do Pacífico como um país oficial e apresentou um projeto propondo à Organização das Nações Unidas – ONU – a certificação da ilha como o 196º país do mundo. O nome proposto para esse território foi *Trash Isles* (Ilhas de Lixo). O objetivo é que essa “nação” tenha o apoio de outros países para enfrentar a contaminação dos oceanos e que seja gradativamente “encolhida”. Al Gore, candidato à presidência dos EUA em 2000 e Prêmio Nobel da Paz, é o cidadão nº 1 das “Ilhas de Lixo”, que já possui bandeira, passaporte, selos e moeda, que seria chamada de *debris*, ou seja, “escombros”. Todo esse movimento tem por objetivo chamar a atenção para o problema dos plásticos nos oceanos. Estima-se que, se nada mudar, em 2050, talvez, a quantidade de plástico nos oceanos seja maior do que a quantidade de peixe.

A crise ecológica

Na *Laudato Si'*, refletindo sobre a crise ecológica, o papa Francisco discute o ser humano no contexto do “paradigma tecnocrático dominante”. Ele inicia fazendo considerações sobre o progresso conquistado pelos seres humanos após a revolução industrial, que proporcionou um amplo desenvolvimento tecnológico em praticamente todas as áreas de atuação.

A partir dessa constatação, ele destaca que o aperfeiçoamento de inúmeras atividades científicas e tecnológicas é importante para o gênero humano e para o meio ambiente. No entanto, esse aperfeiçoamento pode levar à degradação do meio ambiente por duas razões:

- a) não existe uma disponibilidade infinita de recursos naturais, embora a sociedade, atualmente, se comporte como se esses recursos sejam ilimitados e que seja possível a sua regeneração imediata, de modo a garantir a manutenção do *status quo*. Como isso não é verdade, o que se observa é a degradação do meio ambiente. Um exemplo é a poluição que levou à mortandade de peixes (tainhas, paratis, bagres, tilápias e até siris) no Canal da Joatinga, que liga a

Lagoa da Tijuca ao Oceano Atlântico. A causa da poluição foi o “lançamento de esgoto sem tratamento durante um ano inteiro” (RESENDE, 2018).

- b) o uso da tecnologia no esforço de guerra. Esse aperfeiçoamento tem um lado sombrio, já que permitiu a propriedade e o uso de um poder bélico de grande capacidade de destruição, poder que vêm crescendo e se sofisticando ao longo dos últimos 100 anos. Tal fato leva ao questionamento sobre “nas mãos de quem está e pode chegar a estar tanto poder” (LS n.104).

Para que não haja um mundo em conflito, é necessário equilíbrio entre os países que possuem um grande poder bélico. Esse é um equilíbrio normalmente fraco, já que, embora proporcione uma situação de paz, pode levar ao agravamento das situações de conflito sempre que algum interesse seja contrariado.

Para manter o fluxo de produção nas suas indústrias bélicas, esses países investem em pesquisa e desenvolvimento militar e reciclam os seus estoques vendendo armamentos para utilização por países periféricos em seus conflitos regionais étnicos ou raciais. Talvez não seja por outro motivo que, em todos esses anos do século XXI, os conflitos tenham se espalhado, ainda que não em nível mundial, mas em diversas partes do planeta, em especial no Oriente Médio. Predomina a lógica industrial: é preciso consumir o material já produzido para que tenha início uma nova linha de produção mais sofisticada. Como menciona o papa Francisco, “nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará para o bem” (LS n.104).

Ecologia integral

Francisco nos convida para uma reflexão sobre a ecologia integral, a pensar em um desenvolvimento econômico que considere também as dimensões humanas e sociais no processo de produção. Ou seja, que esse desenvolvimento econômico considere uma questão muito importante que é a nossa transitoriedade. Como estamos de passagem, nós temos a obrigação de pensar que somos responsáveis pelo mundo que deixaremos para o futuro. Nossa responsabilidade consiste em mudar completamente as razões que determinam as decisões de investimento para o desenvolvimento econômico e social de um país ou de uma região.

Essa integração entre desenvolvimento econômico e responsabilidade, de que fala a encíclica, nos leva à ecologia integral, que visa preservar a vida das espécies. É possível aceitar que os povos antigos não dispusessem desse conhecimento. Mas também é certo que o impacto

que eles causavam no meio ambiente era infinitamente menor e muito mais restrito. Foi a ciência e a tecnologia que mudaram, em muitos casos, o padrão de funcionamento da sociedade, mas tiveram como lado negativo o aumento da destruição do planeta. As informações que temos nos dias de hoje sobre esses assuntos eram desconhecidas no passado recente. Hoje não são mais. É certo que precisamos conhecer muito mais sobre esses assuntos, mas também é correto afirmar que, frente ao que se conhece, é inaceitável o nível e o modo de intervenção atual do homem na natureza.

Um exemplo de separação entre a o desenvolvimento da ciência e a tecnologia de um lado e a responsabilidade ecológica do outro é o desastre ambiental que ocorreu em Mariana (MG) em 2015, que gerou danos enormes à natureza e à vida das pessoas da região, com o rompimento da barragem de Bento Ribeiro (Fundão). Passados quase três anos, os especialistas ainda não conseguiram calcular o impacto ambiental, dada a magnitude do problema. Esse desastre ambiental ocorreu

(...) em 5 de novembro de 2015, quando 34 milhões de metros cúbicos de rejeito de minério de ferro do complexo de mineração operado pela empresa Samarco percorreram 55 km do rio Gualaxo do Norte e 22 km do rio do Carmo até desaguar no rio Doce. No total, a lama percorreu 663 km até desaguar no mar no município de Regência (Espírito Santo). (MOTA, 2017).

Esse não foi o único episódio trágico na história da Samarco. Desde 2005, a empresa acumulou outros cinco rompimentos de estruturas nas suas operações, ainda que de menor tamanho do que o ocorrido em 2015. Porém, a simples descrição de cada um desses episódios permite se observar que a cada rompimento o dano envolvido foi maior. Ocorreram danos semelhantes, mas não tão graves, em 2005 (2 eventos), 2006, 2008 e 2010. (BERTONI e AMÂNCIO, 2015) Talvez sejam parte de um problema maior decorrente da falta de responsabilidade da empresa com a questão ecológica.

Passados três anos, ainda não é possível determinar a extensão da destruição do rompimento da barragem em Mariana. A lama continua nas calhas dos rios, parte dos rejeitos chegou ao oceano e está sendo carregado pelas correntes marinhas. Micropartículas de ferro foram detectadas, por exemplo, no arquipélago de Abrolhos no sul da Bahia (BERTONI & AMÂNCIO, 2015), causando quase a destruição do ecossistema da região.

Por fim, considerando que entre 2010 e 2014 o lucro anual da Samarco foi de R\$ 2,7 bilhões (R\$ 13,3 bilhões no período todo) pergunta-se quanto desse lucro poderia ter sido utilizado para garantir a construção de estruturas mais adequadas à sua operação, ou, ainda,

quanto poderia ter sido utilizado para o tratamento e recuperação dos rejeitos que são normalmente descartados, mas que poderiam ser utilizados na construção civil, constituindo, inclusive, uma cadeia de produção e gerando novos empregos? Em um país com falta de emprego, moradia e urbanização, essa seria uma iniciativa importante se considerarmos que para cada tonelada de minério de ferro processado são geradas 0,4 toneladas de rejeito (FERREIRA, 2016) Ao invés de ser apenas mantido em reservatórios, constituindo um risco potencial à vida, esse material poderia ser reciclado. Quem sabe este não se transforme em um projeto a ser executado depois do desastre?

Esse é um exemplo daquilo sobre o que o papa adverte. A tecnologia e a ciência avançaram a um ritmo incompatível com a falta de responsabilidade dos projetos de desenvolvimento econômico. Esse desastre em Mariana aconteceu em uma empresa com 38 anos de atuação, sem preocupação com a questão ambiental, que nos últimos 13 anos conviveu com 6 (seis) episódios recorrentes de danos ambientais e que só depois de uma tragédia incomparável acena com alguma possibilidade de mudança. Esse dano ambiental destruiu boa parte do ecossistema ao longo dos 663 quilômetros por onde passou e devastou a vida dos moradores da região.

Conclusão

A Carta Encíclica do papa Francisco (2015), em seu capítulo I, é explícita ao questionar “o que está acontecendo com a nossa casa?”. A partir dessa frase, todos os pontos apresentados terminam em uma só pergunta: o que estamos fazendo para mudar esse cenário? A conclusão lógica é que, talvez ,não estejamos fazendo o suficiente, já que o processo de destruição do planeta segue com grande velocidade. Mas não falta esperança, e é por isso que o papa convoca todos a assumirem o seu papel.

Existem numerosas ações que podemos adotar para contribuir com a preservação do nosso planeta. Ainda que pareça pouco, se cada um de nós, individualmente, mudar hábitos, por exemplo, evitando o desperdício de água, utilizando alimentos e produtos orgânicos e de baixo impacto sobre o meio ambiente, reciclando e cuidando do descarte adequado do lixo, o impacto coletivo será considerável.

Muito importante, também, é escolher, nos processos eleitorais, representantes comprometidos com a preservação do ambiente e com a valorização da vida humana. Estar atento e fiscalizar a atuação de nossos governantes em relação a esse assunto é a forma que

temos para interromper a trajetória de destruição do planeta e garantir um futuro para as próximas gerações.

Referências Bibliográficas

BERTONI, Estevão; AMÂNCIO, Thiago. *Samarco teve outros 4 vazamentos de lama antes da tragédia em MG*. Disponível em: www.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1713745-samarco-teve-outros-4-vazamentos-de-lama-antes-da-tragedia-em-mg.shtml. Acesso em: 2 dez 2015.

FERREIRA, Pedro. *O que fazer com os rejeitos da mineração?* INEAM - Instituto Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: <https://ineam.com.br/o-que-fazer-com-os-rejeitos-da-mineracao>. Acesso em: 30 mar 2016.

FRANCISCO, *Carta encíclica Laudato Si'*. 24 de maio de 2015.

GREENPEACE. *Amazônia*. Patrimônio brasileiro, futuro da humanidade. Disponível em: www.greenpeace.org/brasil/pt/0-que-fazemos/Amazonia/. Acesso em: 28 mai 2018.

JOÃO XXIII, *Carta encíclica Pacem in Terris*. 11 de abril de 1963.

MCGRATH, Matt. *Cinco efeitos globais da saída dos EUA do Acordo de Paris*. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-40114352. Acesso em: 1 jun 2017.

MOTA, Camila Veras. *Após dois anos, impacto ambiental do desastre em Mariana ainda não é totalmente conhecido*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41873660>. Acesso em: 5 nov 2017.

RESENDE, Dayana. *Poluição causa nova mortandade de peixes em canal da Barra*. Jornal O Globo. Página 10, edição 26 de maio de 2018.

RIPKA, Livia Albert. Disponível em: <https://www.1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/03/grande-deposito-de-lixo-do-pacifico-contem-87-mil-toneladas-de-plastico.shtml>. Acesso em: 23 mar 2018.